

Pós-modernidade, digitalização e o exemplo da TV digital no Brasil

Camila Mozzini*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Índice

Introdução	1
1 Globalização e novas formas de comunicação	2
2 TV digital: empecilhos e potencialidades	3
Considerações Finais	5
Bibliografia	6

de conhecimento. Nesse sentido, mostra-se necessário a realização de um amplo debate acerca da TV digital para que esta seja utilizada como ferramenta de mediação de conteúdos não só mercadológicos.

Palavras-chave: Digitalização, pós-modernidade, TV digital, globalização, debate.

Resumo

A partir dos questionamentos de autores como Zygmunt Bauman, Jesús Martín-Barbero, John Thompson, Martin Heidegger e Luciano Correia dos Santos, este artigo pretende investigar, imerso no espírito do tempo, o atual processo de digitalização, sua relação com a pós-modernidade e de que forma a TV digital no Brasil está se configurando em meio à tecnologização das formas de relação social e produção

*Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do grupo de pesquisa Imaginalis, coordenado pela prof. Dr. Ana Taís Martins Portanova Barros, o qual atualmente estuda o estado da arte da pesquisa em fotografia e a relação entre imaginário, ciência, senso comum. E-mail: camila.mozzini@gmail.com.

Introdução

Em meio a um período de grandes transformações, certamente a comunicação não iria ficar imune. Comunicar é uma faculdade inerente ao ser humano, no entanto, suas formas de manifestação variam com o tempo e o contexto em que se inserem. Nesse sentido, o momento atual apresenta características complexas, as quais diversos estudos têm buscado analisar.

Certamente, o processo crescente de digitalização das plataformas de comunicação e relacionamento, fomentado principalmente com o advento da Internet, acarreta novas configurações às formas de mediação interpessoal e dos próprios meios de comunicação.

Nesse sentido e partindo da diferença entre informar e comunicar – o primeiro diz respeito à mera passagem de dados, enquanto o segundo supõe uma interrelação de troca – este artigo procurará problematizar a TV digital enquanto plataforma de comunicação e/ou informação na sociedade contemporânea. Para tal objetivo, primeiramente será elaborada uma introdução ao tempo atual e seus reflexos nas formas de comunicação a partir de autores como Bauman, Thompson e Barbero para, após, aprofundar a questão da TV digital na atualidade.

1 Globalização e novas formas de comunicação

Um dos fatos mais importantes da chamada era pós-moderna está marcado pela aceleração do processo de globalização, o qual cria vínculos e espaços transnacionais, revaloriza culturas locais e traz a um primeiro plano terceiras culturas. Por outra parte, a globalização sacode a imagem de espaço homogêneo fechado, estanque e nacional, estatal, que tem em si mesmo um país. A fluidez, conforme Bauman (2004), é uma metáfora da era pós-moderna na qual os sólidos devem ser derretidos – considerados por Ulrich Beck como instituições zumbis – por meio da profanação do sagrado, da desautorização e da negação da tradição para, assim, construir novos e melhores sólidos que possam dar conta das necessidades de liberalização do mercado.

Barbero (2006) aponta que a mediação tecnológica do conhecimento na produção social passa por dois processos, os quais

estão transformando radicalmente o lugar da cultura em nossas sociedades: a revitalização das identidades e a revolução das tecnicidades. Os processos de globalização econômica e informacional estão reavivando a questão das identidades culturais até o ponto de convertê-las em dimensão protagônica dos mais ferozes e complexos conflitos internacionais nos últimos anos. Por sua vez, a revolução tecnológica introduz em nossas sociedades um novo modo de relação entre os processos simbólicos: um novo modo de produzir, confusamente associado a um novo modo de comunicar, transforma o conhecimento numa força produtiva direta.

Referenciando Stuart Hall, Barbero (2006) defende que um novo tipo de mudança estrutural está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, tinha proporcionado sólidas localizações dos indivíduos sociais. Uma mudança que aponta especialmente para a multiplicação de referentes em que a identidade local é conduzida para se transformar em uma representação da diferença que a faça comercializável. Acelerando as operações de desenraizamento, a globalização tende a inscrever as identidades nas lógicas de fluxos: dispositivos de tradução de todas as diferenças culturais para a linguagem franca do mundo tecnofinanceiro e volatilização das identidades para que flutuem livremente no esvaziamento moral e na indiferença cultural. A globalização exaspera e alucina as identidades básicas, que lançam suas raízes nos longos tempos.

Para o autor espanhol, se é através da imaginação que hoje o capitalismo disciplina e ‘controla’ os cidadãos contemporâneos, so-

bretudo através dos meios de comunicação, é também a imaginação a faculdade através da qual emergem novos padrões coletivos de dissenso, de oposição e questionamento dos padrões impostos à vida cotidiana. Nesse sentido, as tecnologias não são neutras, pois hoje, mais do que nunca, elas constituem grupos de condensação e interação de interesses econômicos e políticos com mediações sociais e conflitos simbólicos.

Já Thompson (1998), caracterizando a comunicação como um tipo distinto de atividade social que envolve a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos, analisa diferentes atributos dos meios técnicos desta comunicação. Um dos atributos é o que permite ao meio técnico um certo grau de fixação de forma simbólica, ou sua preservação em um meio que possui graus variáveis de durabilidade. Assim, os meios técnicos e as informações ou conteúdo simbólico neles armazenados podem servir de fonte para o exercício de diferentes formas de poder.

Um segundo atributo é o de permitir um certo grau de reprodução, uma das características que estão na base da exploração comercial dos meios de comunicação. Os meios técnicos também permitem um certo grau de distanciamento espaço-temporal na medida em que as formas simbólicas são afastadas de seu contexto e reimplantadas em novos contextos que podem estar situados em tempos e lugares diferentes, alterando também as condições espaço-temporais sob as quais os indivíduos exercem o poder. Por último, os meios técnicos pressupõem certos tipos de habilidades, competências e formas de conhecimento exigidas pelo seu uso.

2 TV digital: empecilhos e potencialidades

A TV digital, analisada sob a óptica contextual contemporânea, pode ser apontada como a materialização de certos pressupostos desta subjetividade pós-moderna que está em processo de sedimentação na atual sociedade. Durante muitos anos, as histórias e estórias contadas tinham um começo, meio e fim, com um narrador eloqüente, muitas vezes tangível. Desde a queda da URSS, o modelo capitalista é hegemônico enquanto sistema de produção. Certamente, há séculos já caminhávamos rumo à primazia da técnica e à digitalização como algo que empresta sentido à vida, contudo a velocidade do processo de globalização atual tem acelerado esse movimento de transformação com consequências múltiplas na sociedade contemporânea. Atualmente, o pensamento moderno e linear se imbrica cada vez mais à simultaneidade, fragmentação, multiprogramação, imaterialidade e *presentidade*, características apontadas como sintomáticas da pós-modernidade.

Alessandro Baricco, de forma muito sensível, destaca que o que está em jogo neste momento é ser capaz de decidir o que há, no mundo antigo, que se queira levar ao mundo novo, e isso significa não elaborar categorias a salvo *da* mutação, senão *dentro* da mutação:

Tal vez sea un momento de ésos.
Y esos a los que llamamos bárbaros son una nueva especie, que tiene branquias detrás de las orejas y que ha decidido vivir bajo el agua. Es obvio que nosotros, desde

fuera, con nuestros pulmoncitos, tenemos la impresión de que se trata de un Apocalipsis inminente. Donde esa gente puede respirar, nosotros nos morimos. Y cuando vemos a nuestros hijos anhelando el agua, tenemos miedo por ellos, y ciegamente nos lanzamos contra lo que únicamente somos capaces de ver, eso es, la sombra de una horda bárbara que se aproxima. Mientras tanto, los susodichos niños, bajo nuestras alas, respiran ya con dificultad, rascándose por detrás de las orejas, como si ahí hubiera algo que necesita ser liberado (BARICCO, 2008: 13).

Conforme Heidegger (HEIDEGGER, apud RÜDIGER, 2006), a essência da técnica não é o cálculo entre meios e fins, mas o que o autor chama de armação. Esta, originalmente chamada de *Gestell*, é a transição do Ocidente ao mundo planetário através de um processo de interpelação e chamamento cada vez mais calculado, planejado e automático que tende a converter a técnica como a única via de pensamento, engendrando o perigo dessa via se estender e esse processo ocorrer sem que nós percebamos como ele vai alternado nosso modo de ser em sentido maquinístico. Estipuladora de uma nova essência ou sentido para a técnica e de um novo destino para o homem, a armação é o vetor de um processo através do qual se passa da época da objetividade para a da disponibilidade na medida em que tudo se torna disponível por meio do cálculo e comando. O enigma que a armação coloca é o de fazer a representação se reduzir ao

cálculo e este à única forma de pensar e à única base da atividade humana.

Nesse sentido, após acompanharmos a digitalização de veículos de comunicação como o rádio, a máquina fotográfica, o cinema, o celular e a própria inserção da linguagem da Internet no cotidiano destes veículos, hoje assistimos às mudanças que ocorrem na televisão – um dos últimos bastiões a se render à era digital. Ao invés de analógica, esta passará a ser transmitida digitalmente, o que acarretará uma série de mudanças em diversos aspectos. Com a TV digital, a recepção pode alcançar uma otimização da área de cobertura, além da qualidade técnica de imagem e som atingir altos índices. A interatividade, mesmo que a contragosto por parte dos veículos televisivos, é anunciada como a grande inovação, e a acessibilidade, desta maneira, pode ter um amplo espaço.

Esta televisão interativa não é Internet nem TV, é uma nova mídia que exige o desenvolvimento de novas formas de comunicação e exploração, regulamentações, leis e formas de gestão pública e empresarial. No Brasil, o padrão de transmissão e codificação do sinal adotado foi o japonês, que privilegia a tevê de alta definição e a recepção móvel e portátil. Como *middleware*, o Brasil desenvolveu o Ginga, plataforma que permitirá o desenvolvimento rápido e fácil de aplicações, possibilitando maiores recursos à interatividade.

A televisão, como meio de maior capilaridade na sociedade brasileira, está vivendo um processo de transformação radical tanto na sua relação com os telespectadores quanto nas formas de produção de conteúdo. A TV digital, apesar de ainda estar se consolidando, está sendo retroalimentada pelas

linguagens da cibecultura e da Internet. Desta forma, mostra-se de grande importância a análise da TV digital e seus desdobramentos na subjetividade cotidiana tendo em vista que essa requer, assim como quando do surgimento do cinema, uma nova educação do olhar – olhar este que não se limita mais ao ato de enxergar – para que essa tecnologia seja utilizada em suas plenas faculdades.

A partir da análise da interatividade na TV digital, Santos (2009) aponta que a promessa de interação por meio desta nova configuração televisiva não se difere muito, até o momento, da vigente nos canais abertos, tais como a possibilidade de opinar, por telefone ou chats, em assuntos triviais. Desta forma, uma nova realidade televisiva e uma real interatividade só podem ser obtidas com a superação de vícios como o controle oligopólico das emissoras de televisão e a baixa qualidade e falta de diversidade na programação. Espera-se que, com a TDT, o telespectador tenha maior poder de escolha e autonomia, no entanto, o papel regulador do Estado se mostra tendente às questões mais mercadológicas do processo de digitalização da TV, na medida em que mudanças necessárias na legislação deste setor ainda não foram realizadas.

Segundo o autor, ao invés de uma opinião pública crítica, surge uma massa resultada das grandes aglomerações humanas, caracterizadas pelo desenraizamento, pela instabilidade mental e psicológica e perda do sentido de existência, predominando um desconhecimento quase generalizado dos assuntos. A comunicação, em meio a essa nova conjuntura, passa a ser fortemente sistematizada através de processos por meios dos quais os interlocutores perdem seu papel como atores e dão lugar a um mero re-

curso de mercado. Seria, portanto, “uma opinião pública de meros compromissos estratégicos, despolitizada e burocratizada, com baixos níveis de interatividade, como o que ocorre com o processo de digitalização” (SANTOS, 2009. p 149.) – versão contraposta pelos autores que acreditam na horizontalidade da rede, de suas conexões e da descentralização de fluxos.

Referenciando Mosco, Santos (2009) afirma o caráter político da convergência, defendendo que a digitalização veio para intensificar a comercialização de informação e entretenimento, através de um modelo fordista de distribuição de programas. Desta forma, passada a euforia inicial com relação às transformações advindas da TV digital, Santos enfatiza a importância do debate em torno desta questão para que não se tenha como resultado uma sociedade robotizada pelo agendamento da mídia.

Considerações Finais

Certamente, estamos em um período de transição, de implicação e de convivência entre modernidade e pós-modernidade e suas respectivas características. Jameson (1997), autor que fundou o conceito de pós-moderno, assinala que, se Michael Speaks estiver correto e não existir um pós-modernismo puro, então os traços residuais do modernismo devem ser vistos não como um anacronismo, mas sim como uma falha necessária, que inscreve o projeto específico do pós-moderno em seu contexto ao mesmo tempo em que reabre o exame da questão do moderno. O pós-moderno, desta forma, deve ser pensado como a produção de pes-

soas pós-modernas, capazes de funcionar em um mundo sócio-econômico muito peculiar.

Em meio às incertezas relacionadas às mudanças que ocorrem no mundo, nas quais a comunicação está diretamente implicada, é mais que necessária uma análise profunda dos processos que estão conformando a TV digital no Brasil e os vários interesses políticos e econômicos em jogo, a fim de propor questionamentos que vão além das questões mercadológicas vislumbradas como potencialidades deste meio. Democratizar o acesso à mídia e debater a legislação atual é de extrema importância para a conformação de novos horizontes de cidadania e ação social.

Para tornar a TV digital não somente um meio de informação, mas sim de comunicação e com real interatividade, são necessárias atitudes drásticas, as quais afetam a diversos interesses econômicos e políticos. Nesta conjuntura, a única possibilidade de efetivação dos tão sonhados benefícios educativos desta nova forma de mediação é a execução destas complexas decisões em favor da pluralidade de vozes na comunicação.

Bibliografia

- MARTÍN-BARBERO, Jesús. (2006), *Tecnidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. In: *Sociedade Mediaticizada* / Dênis Moraes (organizador). Rio de Janeiro: Mauad.
- BARICCO, Alessandro. (2008), *Los bárbaros*. Barcelona: Editorial Anagrama.
- BAUMAN, Zygmunt. (2004), *Modernidad Líquida*. Editorial Fondo de Cultura Económica.
- BECK, Ulrich. (1997), *¿Qué es la globalización?* Buenos Aires: Editorial Paidós.
- JAMESON, Frederic. (1997), *Pós-Modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática.
- RÜDIGER, Francisco. (2006), *Martin Heidegger e a Questão da Técnica*. Porto Alegre: Sulina.
- SANTOS, Luciano Correia. (2009), *Interatividade na TV digital ainda não chegou*. In: Brittos, Valério Cruz (org.). *Digitalização e práticas sociais*. São Leopoldo: Unisinos.
- THOMPSON, John B. (1998) *Comunicação e Contexto Social. Ação, poder e comunicação*. In: *A Mídia e a Modernidade. Uma teoria social da Mídia*. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Editora Vozes.